



## **SUSTENTABILIDADE NAS ENTRANHAS DOS DISCURSOS**

**Jadir Mauro Galvão**

Faculdades Metropolitanas Unidas, Brasil

[jadirmg@yahoo.com.br](mailto:jadirmg@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O tema da sustentabilidade ainda que não tenha conseguido a proeza de compor como peça integrante o emaranhado teórico que faz emergir nossas mais cotidianas ações, amiúde visita alguns de nossos pensamentos e permeia muitos de nossos discursos. O grande evento de 2012, o encontro Rio +20 reuniu olhares de todos os cantos do planeta em torno desse tema tão candente, mas que ainda vemos avançar timidamente. Ainda que não tenhamos muito claro o que o termo sustentabilidade encerra ele não nos soa completamente estranho. Associamos a coisas do tipo ecologia, planeta, resíduos emitidos por chaminés de fabricas, desmatamentos; coisa como reciclagem e aquecimento global devem estar relacionadas, mas nosso objetivo no presente artigo é menos o de aclarar o termo conceitualmente e mais tentar observar como ele aparece nos discursos da tal conferencia. Quando as autoridades competentes falam sobre sustentabilidade a relacionam com o que? Pretendemos investigar nas linhas e nas entrelinhas desses discursos, eventuais pressupostos associados ao termo. Para tanto analisaremos o discurso da Cúpula dos povos, o discurso de abertura da presidenta Dilma e o emblemático discurso do presidente do Uruguai, Sr. José Pepe Música.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Rio +20; Triple Botton Line.

---

**Data do recebimento do artigo: 02/11/2012**

**Data do aceite de publicação: 10/12/2012**

## INTRODUÇÃO

Colocar em pé de igualdade nos vértices do triângulo equilátero *Pessoas, Planeta e a Economia*, representação icônica do *Triple Botton Line*, é dar uma feição a esse elemento criado pelo ser humano: a economia, como se ele tivesse vida própria, querer próprio ou instinto natural. Economia é menos um ator em si e mais uma criação do próprio ser humano (ou de alguns deles em um tempo determinado), subproduto de seu modo de organização social atual. Querer somar um vértice a mais ao problema da relação do homem com seu próprio planeta, sobretudo colocado no vértice superior é atribuir-lhe uma primazia inexistente na realidade. Claro que não podemos desprezar que nossa sociedade atual esta fortemente e mundialmente organizada em termos econômicos, mas desde que denunciada por Marx que se trata de uma ideologia capitalista, isto é, uma construção orquestrada de idéias com propósito definido, pode-se colocá-la apenas no campo das idéias e, por tanto uma realidade cultural construída. Diferentemente do planeta e das pessoas que têm realidade em si. O planeta não e criação humana e mesmo sua população é geração humana e não criação.

## DECLARAÇÃO DA CÚPULA DOS POVOS.

Colocar em pé de igualdade realidade e idealidade já suscitaria objeções de vários tipos, mas o ponto que pretendo focar é que é exatamente esse conceito que está intermediando nossa relação com o planeta. Fica patente no documento intitulado “DECLARAÇÃO FINAL CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTALEM DEFESA DOS BENS COMUNS, CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA”, que, embora o anseio seja por justiça social, a idéia de justiça gira em torno do econômico, ou melhor, ganha centralidade. Essa mercantilização da vida parece remontar o discurso marxista da coisificação do ser humano. Dito em uma palavra: alienação!

Trata-se, como se deixa transparecer no discurso, de uma reação de minorias segregadas econômica e socialmente:

A Cúpula dos Povos é o momento simbólico de um novo ciclo na trajetória de lutas globais que produz novas convergências entre movimentos de mulheres, indígenas, negros, juventudes, agricultores/as familiares e camponeses, trabalhadores, povos e comunidades tradicionais, quilombolas, lutadores pelo direito a cidade, e religiões de todo o mundo. (O ECO, p. 3)

Tal discurso mais faz parecer tese e antítese como duas faces da mesma moeda capitalista. Apenas movimentos de ação e reação de um mesmo eixo central. Reunidos, esses segregados sociais (senão capitais), querem formar coro contra uma dominação social e aproveitam bem o ensejo de um encontro que teoricamente deveria debater os rumos do planeta e sua biodiversidade

ecológica. Por mais que se esforcem é recorrente que o ambiente, o planeta apareça sempre após o social e o econômico.

O próprio fato de a cúpula dos povos ocorrer em local apartado do evento principal parece tornar clara a intenção de reação à dominação, mas mesmo no discurso: “Em contraste a isso, a vitalidade e a força das mobilizações e dos debates na Cúpula dos Povos fortaleceram a nossa convicção de que só o povo organizado e mobilizado pode libertar o mundo do controle das corporações e do capital financeiro” (O ECO, p. 6). A idéia de dominação social e segregação capital ficam patentes. Mais parece que a idéia é fazer a dominação trocar de mãos do que realmente fazê-la cessar. Isso parece ficar demonstrado também no trecho: “A diversidade da natureza e sua diversidade cultural associada é fundamento para um novo paradigma de sociedade. Os povos querem determinar para que e para quem se destinam os bens comuns energéticos, além de assumir o controle popular e democrático de sua produção” (O ECO, p. 6). Os verbos “determinar” e “controlar” não aparecem no discurso de modo fortuito senão como seu alicerce. A ideologização do discurso transfere para o centro da discussão o econômico e o social e deixa o planeta em plano altamente marginal. Isso por si só já faz desmontar o pretense equilíbrio proposto pelo triângulo equilátero do *triple botton line*. Claro que a dimensão social encerra um de seus vértices e é justo que ele seja analisado com maior atenção em um ou outro momento, mas essa centralidade parece deformar o triângulo tornando-o isósceles ou até escaleno.

O golpe de misericórdia e que denuncia a idéia da revolução ainda com teor marxista anacrônico está no final do discurso quando entra em cena o aspecto político, sobretudo com a declaração do que se chamou de “eixos de luta”. Entram nesses eixos até aspectos de minorias de opções sexuais (com direito a voto!), inúmeros itens políticos e, perdido em meio a tantos outros eixos de luta, sem contexto, predecessor ou sucessor encontramos um: “Pela mudança da matriz e modelo energético vigente;” (O ECO, p. 8), sem que se especifique do que se trata.

Percebe-se que se procura reacender o embate ideológico entre os descendentes do legado proletário e seus eternos algozes, os dignos representantes da burguesia dominadora e que podem agora adotar qualquer feição. Não são mais os proprietários dos meios de produção, mas qualquer um que se interponha à cega disputa por poder político. O encontro da Rio +20 foi somente um momento oportuno para onde todas as luzes estariam voltadas em determinado momento e a sustentabilidade um mero pretexto para outros fins.

## **DISCURSO DE ABERTURA DA PRESIDENTA DILMA HOSSEF.**

Após o extenso rol de agradecimentos protocolares que precedem os discursos oficiais a Excelentíssima presidenta Dilma Rousseff abre um discurso que revela outro ponto que salta os olhos. O assombro vem menos de uma velada megalomania, mas da escancarada intermediação na

relação entre o homem e o planeta feita pelo poder político e econômico: “Somos governantes deste Planeta. Pelas nossas mãos passam decisões políticas que impactam o crescimento econômico, a inclusão social e a proteção ambiental.” (Rousseff, 2012, Discurso) É o nosso velho e conhecido *Triple Botton Line* agora nas mãos dos governantes do planeta. Perdemos nossa relação imediata com nossa mãe Terra. Viramos filhos bastardos e trocamos de mães e pais a cada quatro ou cinco anos e de tutela a cada golpe político ideológico. Não somos donos tampouco de nós mesmos á medida em que a própria inclusão social passa pelas mãos dos senhores do planeta que vivemos. Apenas uma pequena letra e o discurso ganharia outra tonalidade tanto quanto outro pano de fundo. Se a palavra chave fosse “nesse” planeta. Mas não se trata de uma palavra que tenha escorregado por ligeiro descuido, pois o mesmo tom é reforçado na sequência: “Temos a responsabilidade, perante a História e perante os nossos povos, de fazer da Rio + 20 o momento de firmar compromissos para o futuro que queremos [...]” (Rousseff, 2012, Discurso). E nem mesmo o “queremos”, no plural revela uma inclusão que vá para além do público ouvinte portador das seletivas credenciais. O vértice que representa o “*People*”, o povo, o social deve agora ser substituído pelo seu representante “legal” vigente. Mesmo o vértice “*Planet*”, o “*Environment*” agora deve ser substituído pelo também representante “legal” vigente e que nem mesmo Ele escolheu.

Os senhores da vida e do bem estar “querem”: “o desenvolvimento sustentável que se pode traduzir em três palavras: crescer, incluir e protege.” (Rousseff, 2012, Discurso). Vejamos o que significa cada uma dessas palavras. Em meio a algumas frases de efeito divisamos os lastros da discussão para colocarmos nos pratos de nossa tripla balança:

A afirmação de que os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável colocou a erradicação da pobreza como requisito indispensável da ação política. Esse princípio ligou, de forma indissolúvel, a agenda ambiental à necessidade de realizar reformas estruturais, capazes de incluir as multidões de homens e mulheres e crianças que viviam e ainda vivem na pobreza e exclusão. Acordamos que o bem-estar das gerações presentes não poderia ser construído em detrimento das gerações futuras e que, para esse fim, a proteção ambiental deveria ser parte integrante do processo de desenvolvimento. (ROUSSEFF, 2012, Discurso).

A primeira alegação coloca no centro das preocupações os seres humanos, mas as preocupações são com o desenvolvimento sustentável. - Falaremos sobre o conceito de desenvolvimento sustentável mais adiante, por agora voltemos ao discurso. – A erradicação da pobreza é requisito indispensável. Ora, mas a pobreza é, no sistema capitalista, subproduto do próprio capitalismo. Menos uma falta de sangue azul, menos uma carência de recursos e mais fruto de uma competitividade, associada à propriedade privada e ao lucro. Nada contra a propriedade privada o lucro ou a competitividade. Tampouco contra o enxofre, o salitre e o carvão (fórmula da pólvora), mas se juntarmos esses ingredientes, temos uma combinação bastante explosiva. Uma

destruidora e a outra criadora de desigualdades sociais e de pobreza. Os recursos disponíveis no planeta não podem ser usurpados pelas gerações atuais em detrimento das gerações futuras – bastante coerente, mas ainda estamos falando de pessoas em primeiro lugar e tratando o planeta apenas como recurso a ser utilizado, ou seja, em segundo plano ou inferior. - O discurso agrega de modo retórico a proteção ambiental, mas apenas como contrapeso do desenvolvimento. Embora a ordem no discurso tenha por sequência primeiro homens, depois planeta e por último o desenvolvimento econômico, não parece ser essa a real hierarquia de valor existente entre eles, mas vejamos se o restante discurso confirma estas suspeitas.

Vindo do “acordo” firmado na Eco 92 para com os homens muda-se para a “consagração” da construção do desenvolvimento sustentável. Ora desenvolvimento – e agora retomo a idéia desenvolvimento sustentável que havia deixado de lado – não tem relação com o planeta. Não há que se desenvolver o planeta, ele não é criação nossa para que possamos desenvolvê-lo. Tampouco se trata do desenvolvimento humano isso é outra coisa. Se falarmos separadamente de inclusão social e desenvolvimento sustentável este só pode ser o desenvolvimento puramente econômico, para que depois haja a inclusão social. Ademais se falamos em desenvolvimento econômico falamos em superávit, isto é produzir e vender mais do que o que se consome. No final trata-se de produzir mais, consumir mais energia, utilizar mais matéria prima e por fim produzir mais lixo. O fôlego termina na, ao menos aparente, contraditória: “E reconheceu-se a necessidade de eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo” (Rousseff, 2012, Discurso). O discurso apela para a construção mental de algum modo de desenvolver economicamente diminuindo o consumo e revela que estes são princípios que ainda carecem de ser implementados.

A partir de então o discurso passa para o campo da política internacional, onde se expõe a ferida conseguida no gládio entre países pobres ou em desenvolvimento e os países ricos que exportaram suas indústrias mais poluentes para um mercado carente de postos de trabalho. A bonança experimentada pelos países ricos após exportarem junto com as indústrias uma horda de europeus miseráveis para o promissor terceiro mundo passa agora por uma sucessão de crises econômicas e, com isso, o aporte econômico prometido em outros encontros ficou somente na promessa. Um pequeno puxão de orelhas junto com uma retirada pela esquerda de qualquer imputação de responsabilidades a mais. Outro puxão de orelhas ocorre quando se alerta que os compromissos do protocolo de Kyoto ainda não foram atingidos. Da parte dos desenvolvidos por recusa, da parte dos em desenvolvimento por falta de recursos. Há que se frisar aqui que o discurso é feito por uma representante da segunda parte. Os avanços nas discussões ocorrido na Eco 92 ainda residem no campos das idéias e dos conceitos, mas ainda não se transformou em palpável realidade. Então: “Nós, chefes de Estado e de governo, temos a responsabilidade de agir para mudar esse quadro” (Rousseff, 2012, Discurso). Mais uma vez aqui se demonstra a intermediação senhores da

vida e do bem estar. Não cabe ao simples homem comum agir pelo planeta, mas sim aos seus chefes.

À menção à crise econômica por que passam os países ricos, que poderia ser uma eventual justificativa ao puxão de orelhas, se sucede outro puxão e orelhas: “São modelos de desenvolvimento que esgotaram sua capacidade de responder aos desafios contemporâneos.” (Rousseff, 2012, Discurso). O Brasil conseguiu recentemente contornar, senão superar, uma crise econômica de longa história e sem seguir à risca as receitas exigidas pelos mesmos senhores do dinheiro que hoje se vêem dele reféns. E como bom menino propõe que se revejam os modelos. “Nossa experiência nas crises similares, vivida nos anos 80 e 90 na América Latina, mostra que políticas indutoras do crescimento e do emprego constituem a única via segura para a recuperação da economia.” (Rousseff, 2012, Discurso). Como se a Rio +20 fosse um encontro mundial sobre economia somente e a ecologia um visitante de última hora. Tendência que se torna mais clara logo a seguir: “Em um momento como este, de incertezas em relação ao futuro da economia internacional, é forte a tentação de tornar absolutos os interesses nacionais.” (Rousseff, 2012, Discurso). E as incertezas quanto ao futuro do planeta? Claro, o planeta continuará ai, mas talvez sem condições atmosféricas para abrigar vida orgânica ou ao menos humana.

O cenário do bom menino permeia mais uma parte do discurso: “Temos mantido uma matriz energética limpa. As fontes renováveis respondem por 45% de toda energia que consumimos.” (Rousseff, 2012, Discurso). Como se usinas hidroelétricas não devastassem florestas, nem eliminasse o habitat natural de inúmeras espécies e como se a monocultura do álcool não impusesse pesado fardo à terra e à biodiversidade. Ao menos essas medidas geram menos gases de efeito estufa. Considerados pelos homens os grandes vilões da sustentabilidade.

Mais uma vez recorrendo ao expediente do “senhoras e senhores” para quiçá retirar algum ouvinte da letargia hipnótica, deixando os, entretanto preliminares, o discurso atinge sua centralidade focal: “Desenvolvimento sustentável implica crescimento da economia, para que se possa distribuir riqueza. Significa criação de empregos formais e expansão da renda dos trabalhadores.” (Rousseff, 2012, Discurso). Este ponto demonstra o quanto o vértice do planeta é relegado ao segundo plano, senão inferior. E o que mais parece apontar para a marginalidade do tema é exatamente quando ele aparece: “Significa reduzir o desmatamento. Significa usar, de forma sustentável, nossa biodiversidade e proteger nossos rios e florestas. Significa gerar energia limpa.” (Rousseff, 2012, Discurso). Significa continuar desmatando, embora de modo reduzido, mas com crescimento. - se é que isso é possível – Proteger os rios e florestas justamente de nossa voracidade de consumo, gerar energia limpa. Não se nota claramente como o planeta, ou a biodiversidade será parte integrante do processo de desenvolvimento.



Mais uma vez a luz é lançada sobre o econômico e o político: “Sabemos que o custo da inação será maior que o das medidas necessárias, por mais que essas provoquem resistências e se revelem politicamente trabalhosas.” (Rousseff, 2012, Discurso). Embora transpareça que o ponto aqui seja realmente o ambiental, o planeta, os termos permanecem econômicos. Fala-se sobre os *custos* das medidas necessárias. Que a não ação pode ficar em outro momento ainda mais *cara*.

Já se encaminhando para o final, o pronunciamento ganha uma pálida luz de esperança. “Ampliamos a participação da sociedade civil nos processos decisórios sobre desenvolvimento sustentável nas Nações Unidas.” (Rousseff, 2012, Discurso). Como isso se dará não está mencionado no discurso, mas a inserção da sociedade civil prenuncia uma tomada de posição importante. Podemos enquanto meros seres humanos voltar a nos pronunciar sobre nossa relação com o planeta ao menos em pé de igualdade com os mediadores. E ao que parece a melhor parte: “Reconhecemos a insuficiência do Produto Interno Bruto como critério para medir o desenvolvimento.” (Rousseff, 2012, Discurso). A medida do crescimento da maioria dos países ainda é feita pelo PIB e este é o espelho do crescimento econômico. Crescimento do PIB é reflexo do crescimento da produção com todas suas implicações ecológicas. Esse reconhecimento pode em algum momento fazer nascer outra ideia de desenvolvimento que não o econômico.

## **DISCURSO DO PRESIDENTE DO URUGUAI, JOSÉ PEPE MUJICA NA RIO + 20**

Terno e cabelos desalinhados, colarinho sem o aperto, tampouco a presença da gravata, o discurso do presidente do Uruguai se inicia também sem papel escrito, mas, aparentemente, com um roteiro e propósito bastante bem definido. Com a humildade dos que se reconhecem com uma importância relativamente reduzida tanto no mundo dos homens quanto no mundo econômico o presidente congratula protocolarmente as autoridades presentes de um modo geral, mas reserva certa deferência ao povo brasileiro colocando, sem receio de censura, a presidente em segundo plano como, de fato deveria ser. “Meus agradecimentos ao povo do Brasil e sua senhora presidente.” (Mujica, 2012, Discurso). Afinal de contas, embora considerada a autoridade máxima a mesma cumpra um dever de *servir* a nação e seu povo.

Ainda em tom de humildade e subserviência coloca-se ao dispor para subscrever os acordos que nossa “pobre” humanidade possa fazer. “Expressamos a íntima vontade, como governantes, de acompanhar todos os acordos, que esta nossa pobre humanidade pode assinar. Contudo, permita-me fazer algumas perguntas em voz alta.” (Mujica, 2012, Discurso). A despeito de demonstrar apoio fraternal a quaisquer que fossem as definições do encontro, acreditando de boa fé que seriam feitos com boa vontade, se reserva o direito de efetuar algumas considerações que poderiam ter a capacidade de fazer-nos enxergar com mais clareza as dificuldades que giram em torno do

problema da sustentabilidade pedindo a permissão de dizer em alta voz, para que a humildade e fraternidade apresentadas não se confundam com pequenez e subserviência.

Entre os temas abordados nos discursos que o precederam, inclusive o da presidente Dilma, foi recorrente a idéia erradicar a pobreza. Quem sabe chegando a um patamar tendo como referencial o nível econômico e social que apresentam os ditos países ricos. Todavia é exatamente este o ponto em que ele se detém: “O que aconteceria com este planeta se os habitantes da Índia tivessem a mesma proporção de veículos por família que tem os alemães? Quanto oxigênio teríamos para respirar?” (Mujica, 2012, Discurso). A alerta é para que pensemos se o planeta teria a capacidade de suportar o mesmo nível de consumo e não só de consumo, mas ele também fala em “desperdício” do qual vivem os habitantes dos países ricos. Erradicar a pobreza, encaminhar à riqueza, proporcionar o mesmo grau de opulência do qual desfrutariam esses pobres erradicados.

Com a lucidez de quem reconhece a diferença entre o natural e o cultural, nos relembra que: “[...] criamos a civilização em que estamos. Filha do mercado, filha da competição.” (MUJICA, 2012, Discurso). A competição e o mercado são criações humanas. “que criou um progresso material portentoso e explosivo” (Mujica, 2012, Discurso). Uma economia de mercado que criou uma sociedade de mercado. Uma sociedade de e para o consumo. Uma sociedade de consumo global, um mercado de consumo globalizado e Pepe Música nos açoita com uma pergunta que poucos querem ouvir, muito menos responder: “Estamos governando a globalização ou é a globalização que nos governa?” (Mujica, 2012, Discurso). Mais do que uma pergunta retórica, mais do que somente uma fanfarronice marxista a pergunta adquire um tom muito mais epistemológico. Conclamando a razão dos ouvintes que não há como combater o fogo com gasolina. E o açoite continua: “É possível falar em solidariedade e em que ‘estamos todos juntos’ em uma economia baseada na concorrência impiedosa?” (Mujica, 2012, Discurso). É possível dar as mãos a trabalharmos juntos para crescer economicamente a ponto de que os pobres se tornem ricos? Numa economia globalizada se, e quando os pobres ficarem ricos, os ricos ficarão muito mais ricos, mas mais pobre ficará o planeta. E ao cabo dessa linha de raciocínio desfecha com a pergunta: “Até onde chega nossa fraternidade?” (Mujica, 2012, Discurso). Até onde realmente podemos nos chamar, a todos, sem exceção, honesta e impunemente, humanos?

Embora tenha a plena consciência que seu discurso anda na contramão das diretrizes da própria idéia central do encontro que lá se reúne para negociar verdadeiramente um desenvolvimento econômico disfarçado de paletós verdes, ou para negociar parceiros que possam ajudar pagar a conta de um planeta poluído e devastado, Música diz que seu desejo não é o de invalidar o encontro: “Nada disso eu digo para negar a importância desse evento.” (Mujica, 2012, Discurso). O que deseja é desviar o foco de atenção. Quando tantos se reúnem em torno de uma assembléia de nível mundial onde a pauta é ecológica ele alerta: “A grande crise não é ecológica, é



política! O homem não governa hoje, senão as forças envolvidas são as forças que governam o homem!” (Mujica, 2012, Discurso). Numa reunião mundial sobre desenvolvimento sustentável ele alega que a humanidade não veio ao mundo para se “desenvolver” de modo geral e infinitamente, mas sim para ser feliz!

Tal desenvolvimento implicará em geração de empregos, porém o que o homem quer não são os empregos exatamente, mas o que se poderia conseguir com o eles. Se a geração de empregos existe, ela visa à produção e o consumo, menos a felicidade humana geral. A roda da economia gira em falso em torno de si mesma sem produzir o que seria seu propósito final. Segue trabalhando e consumindo e consumindo a vida se consome sem que se alcance seu propósito mais elevado. Mas se detém o consumo se paralisa a economia e se paralisa a economia o “fantasma” da recessão nos assombra. O fantasma aqui é dito da própria fantasmagoria irreal que o homem criou. Criador assombrado pela sua própria criatura. Ora mas se almeja o crescimento, se almeja a geração de empregos, se almeja o desenvolvimento da produção também se exigira também o consumo: “Mas este hiper consumo, este que esta agredindo o planeta [...] precisa produzir coisas que durem pouco, pois há que se vender muito.” (Mujica, 2012, Discurso). Tudo isso cria um círculo vicioso.

Será preciso não um crescimento econômico, mas uma decisão política de se construir outra “cultura”. Destaca que não se trata de virar as costas para o progresso que a humanidade já atingiu e voltar para as cavernas, tampouco se trata de uma apologia ou a um “monumento ao atraso”, mas de não deixar a humanidade ser governada pelo “mercado” e sim de governarmos o mercado. Conclui o raciocínio citando Sêneca e Epicuro “Pobre não é o que tem pouco, mas o que necessita muito e deseja sempre mais.” (Mujica, 2012, Discurso).

Mais uma vez coloca-se como leal governante que deve seguir o que for decidido. Todavia reafirma que a crise que enfrentamos não é a da água ou da agressão ao meio ambiente, mas a crise é “O modelo de civilização que construímos.” (Mujica, 2012, Discurso). Toma como exemplo seu próprio país que mesmo pequeno em dimensões geográficas é bastante bem abastecido de recursos naturais e que os trabalhadores conseguiram benefícios sociais de recuar a quantidade de horas trabalhadas para seis horas por dia, mas que aquele que alcança tal benefício acaba por buscar outro trabalho apenas para poder arcar com o exagerado consumo propagado por essa mesma cultura do consumo. Contudo, não se trata de mera escolha pessoal, mas de ser eternamente exigido a comprar mais e mais bens que duram pouco justamente por conta do redemoinho do consumo. E trabalhando cada vez mais para consumir cada vez mais se verá em um momento privado de sua juventude que se perdeu somente em trabalho e se encontrará no final: “[...] fará uma pergunta: é este o destino da vida humana?” (Mujica, 2012, Discurso).

Se encaminhando não para o final, mas para apoteose do discurso ele trilha por reafirmar os simples valores humanos. Que o desenvolvimento do homem não pode se confrontar com a

felicidade humana senão devem seguir como aliados. O consumo não pode nos privar da família, dos amigos, de cuidar dos filhos, e encerra com um posicionamento firme: “Quando lutamos pelo meio ambiente, devemos lembrar que o primeiro elemento do meio ambiente é a felicidade humana!” (Mujica, 2012, Discurso). Aqui não se trata de desmazeladamente colocar o homem em primeiro lugar, mas que ao colocar o homem e sua felicidade em primeiro lugar e sabendo que não será necessário consumir mais e mais para se obter a felicidade, pelo contrário, também estaremos preservando o meio ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que na mão e contramão dos discursos, entremeando cada palavra pronunciada ou escrita que uma profunda carga de pressupostos ideológicos confundida de realidade sustenta o tom de certeza e verdade de seu orador. Que, se pouco avançou desde a Eco 92 e ainda pouco se pode esperar para adiante, muito se deve à confusão conceitual que nubla nossa visão mais concreta e real do mundo. Música nos mostra bem que os debates carregados de urgência ecológica anseiam por resolver um problema que em seu cerne é eminentemente político, senão epistemológico. Portamo-nos como a mosca que se debate insistentemente com a vidraça sem se aperceber que centímetros ao lado a janela escancara a liberdade. A humanidade já atingiu um grau de excelência na produção e consumo com capacidade para atender sua população e mesmo atingiu ou se esta prestes a atingir certo grau de maturidade demográfica a ponto de equilibrar o crescimento populacional. Poderíamos com a tecnologia existente dedicar muito menos horas de trabalho se não fossemos fisgados pelo vírus insano do consumo desenfreado e seu exigido pagamento. Não se trata de crescer economicamente ao modelo propagado na antiga ditadura militar onde se pretendia fazer o bolo crescer para depois dividi-lo. O bolo cresceu, mas quem o fez não fez crescer dentro de si a fermento da fraternidade e, consumido pelo conceito da propriedade privada deixa um seu igual morrer de fome ao lado apenas para regular a oferta e a procura e manter elevado o preço.

Mas a cultura já estava aí quando chegamos nela. Não fomos nós que fizemos e acreditamos que esse ser que a forjou a fê-la de modo correto. As regras já vigoravam quando entramos no jogo. Apenas aprendemos a jogar. Aquele que está ganhando o jogo não quer que termine, mas é esse que detém mais cartas e com isso defende as regras. Quem está perdendo perdeu a chance de opinar e relegou esse papel aos seus governantes que passageiros do poder querem dele se beneficiar e nele se agarrar e para tal se apóiam em quem está ganhando o jogo virando as costas para muitos a quem deveriam representar. Esse parece ser um jogo que a perdurar as mesmas regras todos sairão como perdedores. Alguns com os bolsos cheios outros não, mas todos perdedores.

Quando se forjou o conceito de desenvolvimento sustentável tinha-se nas entranhas da consciência, imersos em uma cultura capitalista a idéia de que seria necessário um desenvolvimento

econômico para salvar o planeta. O problema é que a corrente ascendente financeira sistematicamente esgota os poucos recursos que circulam pela base da pirâmide social e o faz chegar ao todo meramente como propriedade privada. Nesse momento esses poucos endinheirados se perguntam por que “eu” devo me preocupar com o planeta? Justo eu! Por que eu tenho de pagar sem que o outro trabalhe? Os discursos revelam pressupostos teóricos vinculantes a uma organização social impiedosa. Uma sociedade do meu e não do nosso, do eu e não do nós. Onde o outro é competidor e não parceiro. Um pensamento de escassez aonde a natureza vem buscar coerência.

## REFERENCIAS

O Eco. (2012). Documento final da Cúpula dos povos. Recuperado em 7 novembro, 2012, de <http://www.oeco.com.br/noticias/26168-declaracao-final-da-cupula-dos-povos>.

Rousseff, D. (2012). Pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff na rio + 20. Recuperado em 12 setembro, 2012, de <http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff>

Mujica, J. P. (2012). Pronunciamento do presidente do Uruguayna rio+20. Recuperado em 12 novembro, 2012, de <http://www.durante-cerimonia-de-abertura-protocolar-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20>.

Mujica, J. P. (2012). Pronunciamento do presidente do Uruguayna rio+20. Recuperado em 12 novembro, 2012, de <http://www.youtube.com/watch?v=zsOGZKRVqHQ>.

## SUSTAINABILITY IN THE BOWELS OF SPEECHES

### ABSTRACT

The theme of sustainability has not yet achieved the feat of make up as an integral part the theoretical medley that brings out our most everyday actions, often visits some of our thoughts and permeates many of our speeches. The big event of 2012, the meeting gathered Rio +20 glances from all corners of the planet around that theme as burning, but we still see forward timidly. Although we have no very clear what the term sustainability closes it does not sound quite strange. Associate with things like ecology, planet, wastes emitted by smokestacks of factories, deforestation, recycling and global warming must be related, but our goal in this article is the least of clarifying the term conceptually and more try to observe as it appears in speeches of such conference. When the competent authorities talk about sustainability relate to what? We intend to investigate the lines and between the lines of these speeches, any assumptions associated with the term. Therefore we will analyze the speech of the People's Summit, the opening speech of President Dilma and emblematic speech of the President of Uruguay, José Pepe Mujica.

**Keywords:** Sustainability; Rio+20; Triple Bottom Line.

## SOSTENIBILIDAD EN LAS TRIPAS DE DISCURSOS

### RESUMEN

La cuestión de la sostenibilidad aún no ha logrado la hazaña de la escritura como una parte integral de la maraña teórica que lleva a cabo las acciones más cotidianas, a menudo visitar algunos de nuestros pensamientos e impregna muchos de nuestros discursos. El gran evento de 2012 en la reunión de Río +20 reunió a los looks de todos los rincones del planeta en torno a este tema como la quema, pero todavía vemos hacia adelante con timidez. Aunque no tenemos muy claro lo que se cierra la sostenibilidad a largo plazo que no suena muy extraño. Nos asociamos cosas como la ecología, planeta, residuos emitidos por las chimeneas fábricas, la deforestación que como el reciclaje y el calentamiento global debe estar relacionado, pero nuestro objetivo en este artículo es menos clarificar conceptualmente el término vez más tratar de observar como aparece en discursos de la conferencia. ¿Cuando las autoridades competentes hablan de sostenibilidad se refieren a qué? Tenemos la intención de indagar en las líneas y entre las líneas de estos discursos, los supuestos relacionados con el término. Por lo tanto, vamos a analizar el discurso de la Cumbre de las personas, el discurso de apertura de la presidenta Dilma y de expresión icónica del presidente de Uruguay, José Pepe Mujica.

**Palabras clave:** Sostenibilidad; Rio +20; Triple Bottom Line.